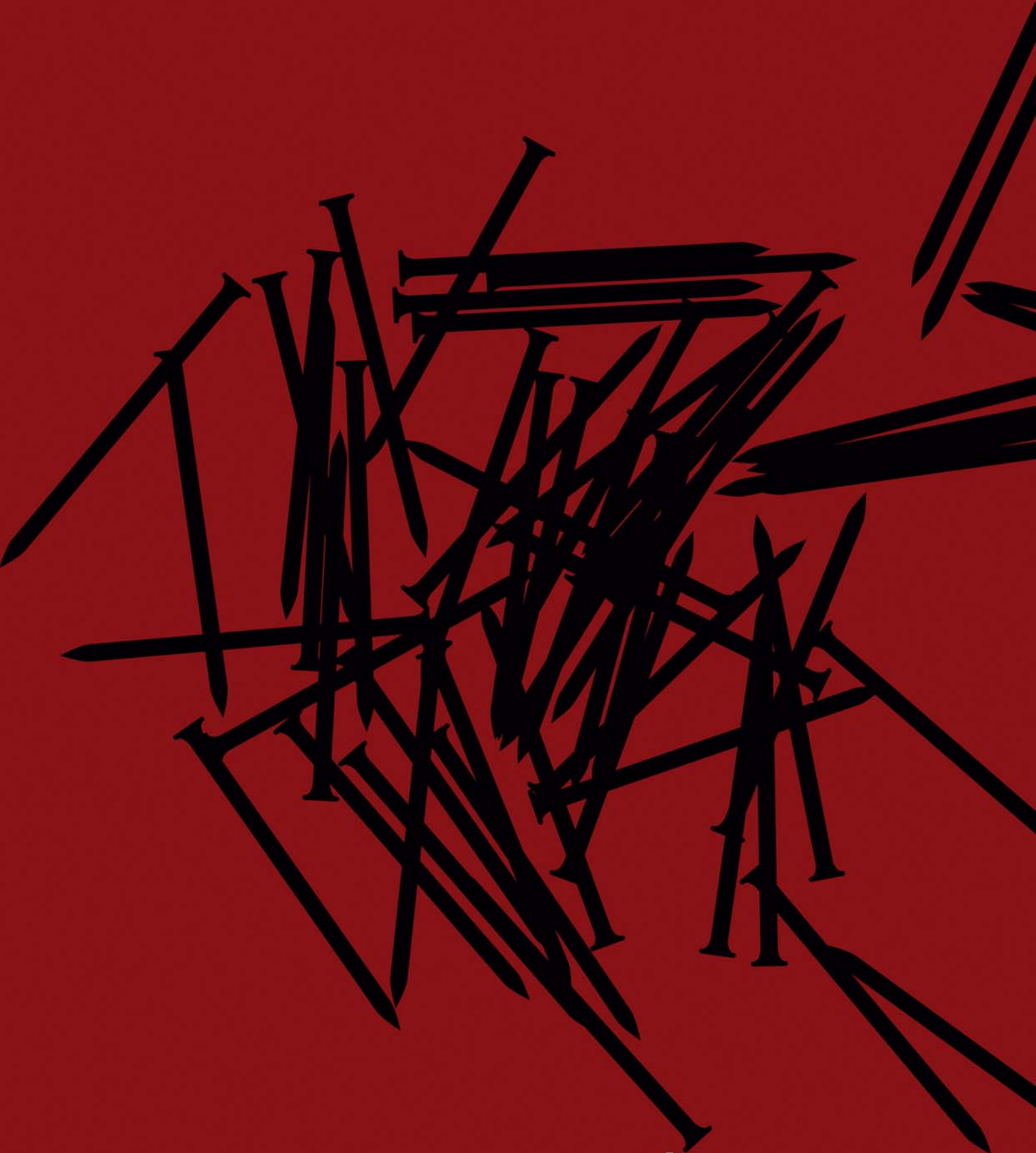


in cómoda

Manuel Neves Filipe



sinapsos

Título in cómoda

Autoria Manuel Filipe, 2006

Edição Online

1.ª Edição - Abril de 2007

Capa e grafismo Rui Justiniano

Todos os direitos reservados

SINAPSES Editora

Urbanização Quinta das Lágrimas, lote 1, 1º Esq. Frente, 3000 Coimbra

www.sinapses.net

sinapseseditora@gmail.com

in cómoda

Manuel Neves Filipe

sinapsø

prelúdio

Da paleta dos dias desiguais Saíram comoventes Diferentes Iguais Estes segmentos de escrita Rapsódia de cores Sinais de um tempo Global é ainda e sempre a poesia Sentir de quem escolheu Os versos Ou foi escolhido Perseguido pelo ensejo De abrir a boca Soltar um grito Ou um harpejo Dar um beijo Ou morder de raiva A carne o nervo a teimosia

E assim brotou esta poesia

esboços de um alquimista...

um poeta

que sabes tu de poesia
se poesia é alquimia
e o teu sopro é frio
palavras que morrem
no vazio
nem tuas nem dela
faz-se noite sendo dia
que sabes tu de poesia
se a poesia é uma estrela
na noite do teu dia
ninguém repara nela.

as palavras

surgem as palavras
borboletando
na ideia

tontas as palavras
às voltas volteando
a ideia irradia
abrsa por dentro
por fora as palavras
em voltas
queimam-se as asas
não entram
não são luz

queimam-se as palavras.

caminho por este mundo
que era suposto ser mundo
à minha volta vejo as sombras
sem descortinar os corpos
as matérias que as enformam

sombras de rosas que deviam ser rosas
sombras de pássaros que deviam ser pássaros
sombras de gente que deviam ser gente

de uma criança brinca a sombra até
eu fico sem saber
que corpo lhe deu a sombra

um sorriso que era sombra
que os sorrisos são a sombra da alma
há-de ser tão bela essa alma
nem fingindo o poeta a vê
com as palavras que são as sombras
as sombras do que ninguém lê.

o menino da sua mãe

jaz
numa noite sem saída
numa rua esquecida
corpo era já sem vida
trapos uma seringa
chaves da paz

jaz morto
sem sentido
os cuidados desmedidos
filho único era filho
má sorte erros seus
erros de quem
fortuna ardente
a vida são dois dias
logo havia de dar pró torto

jaz morto e arrefece
coisas que a sociedade tece
na cidade que resplandece
a economia floresce
a bolsa fechou em alta
não há cotação para a vida
nessa noite sem saída
nessa rua sem ninguém
jaz morto e arrefece
o menino de sua mãe.

canso-me a ensinar
que os poemas são retratos d'alma
instantes apenas
na imensidão da vida

não haveis d'encontrar sempre o poeta
no seu fatinho engomado
sorridente angustiado
estupidamente posado
nesse álbum compilado
não

finge a pose meditada
a rima é forçada
verso curto demais
para a hipérbole da vida

um retrato de ocasião
foi assim ou talvez não
outros mais virão
que este mostrará
sobre o móvel do salão
o instante a ocasião
a pessoa mudará
será outra será
o poema esse não.

serra

teu ventre serra
que segredo encerra
que saber oculta?

a teus pés me sento

um farol vigia
um barquito de luz sonolenta
silenciosas estrelas
sentinelas
aguardando a hora

escuto

soltando histórias
alguém desfolha
páginas de mar

não há enredo
o idioma é segredo
as palavras não são
sagradas como o mar.

inspira-me a tua curiosidade
quando me perguntas
que é isso de ser poeta

quero-te mostrar assim
que é brincar às palavras
como quem faz um puzzle
de mil peças baralhadas
que são muitas as palavras
para encaixar ali
naquele espaço vazio
onde julgas caber tudo
mas só aquela palavra certa
de recorte sisudo
que há tanto procuro e não acho
pode preencher o verso
o pormenor e o seu inverso
que este puzzle é sofrido
sem esquadria nem simetria
um sopro de teimosia
à espera de ser nascido.

da cómoda
vida
solta teus versos
hãode ser vento
para agitar os ramos
convencidos
levantar o pó
dos trilhos esquecidos
derrubar velhos troncos
teimosamente sem vida

não tenhas pena
quem há-de fecundar as flores
espalhar as sementes
secar as vestes nos estendais
refrescar a tarde quente?

pena é o verso passar
ligeiro
sem troncos para enfrentar
sem corpos para agitar
sem prados para acariciar
e sibilantes as rimas
ecoarem enlouquecidas
em areias ressequidas
frias pálidas
esquecidas.

pega nas palavras e acende uma fogueira
há palavras atiradas que dão lume
rasgadas as frases são cavacas
ateia uma enorme fogueira
dispõe as palavras à tua maneira
para que irrompam chamas atrevidas
fogo armado de metáforas escolhidas
que aquecerão a noite dos sem abrigo
a vida dos que esperam ao relento
e buscam na poesia solidária
a demanda do fugaz alento.

meu caro Sebastião da Gama

que orgulho de professor
esse estado de alma
suprema divagação
metafísica que descobria
cada dia rosto lição
como um estalo na monotonia
quase sem explicação.

releio a tua lição
não encontro grelhas não
que chamam de observação
os riscos de uma prisão
está boa a participação?
leva um dezoito pois então
e as atitudes? a assiduidade?
e essa cognição?

diz-me lá mais uma coisa
onde estavam as equações
oblíquas observações
a que chamam avaliação?
e as reuniões relatórios objectivos
matrizes fizeste?
planos curriculares de turma
projectos de área-escola
que estratégias adoptaste?

é que disso nunca falaste
e eu queria ter a tua euforia
a tua esperança a tua alegria
que eu vivo embrulhado em papeis
tropeço em doudas pedagogias
aborrecem-me as reuniões
que eu já nem sei se Camões
era um empresário de rimas
ou um desses rapagões
que andam por aí aos milhões
vendendo importados da China.

morna

tenho para mim que a mente
é uma telefonia

há dias assim
uma música a cantarolar
todo o dia
como se um neurónio atrevido
traulitasse uma melodia

não parei hoje de cantar
cesária
dessas ilhas distantes
onde nunca estive
mas é como se estivesse
o coração anda por lá
por cá
nas palavras de quem canta

a morna tem séculos
voz sofrida de escravo
dores que a dor consolou
é voz de fado
desterrado
em terras de S. Nicolau
traz as brisas tropicais
palmeiras
braços de guitarras
fé que implora água
sinto que ali
a terra é uma pauta
o homem sulca
solta-se da terra o tom
a dor o fruto a vida

eu nunca fui
mas sei
cantando eu estive lá
é como se chegasse
visse
caminhasse
brisa pelas ilhas
verdes secas
saudade imaculada
de nunca ter estado

morna alma sem lugar
errando escrava a cantar.

mulher

em ti sou
nómada errando
meu teu corpo
escaldante
areia
sentidos sem sentido
vagando na sede
desejo
ateia de prazer
as dunas dão
ternas miragens

em teu oásis vou
beber
a dádiva o alívio
a chama
que em mim veio
enlouquecer
da paixão em ti
derrama.

era amor brilhando toda hora
de tanto uso perdeu a alegria
as palavras encantadas de outrora
irrompem secas sem magia

perdida uma outra fotografia
cinzas da fogueira antes acesa
o emprego os filhos a correria
as contas o jantar mais a limpeza

a prosa destes dias tão brutais
estendeu o verso linha fora
contra a frieza dos pontos finais

como além a rosa num cantinho
uma a uma as pétalas caindo
dum caule onde ficam espinhos.

trova dos tempos pós-modernos

tenho pressa em chegar

se quero ir ao Brasil
tomo o avião
se quero ir à Lua
tomo o foguetão
a distância está à mão
vencida subjugada
o amanhã não

quisera que hoje fora amanhã
sendo hoje
esse tempo absoluto imortal
assinar a data de hoje
com a consciência de amanhã
paga em suaves prestações mensais
a descontar nas experiências banais
nos inevitáveis erros evitáveis

quisera semear e logo colher
o fruto a vida o saber
geneticamente modificar
inventar a rosa sem os espinhos
do criar tratar esperar amadurecer
do subjugar ao tempo
o meu ser

tenho pressa em ser hoje o amanhã
sendo hoje
sendo o amanhã o hoje

tenho pressa.

uma flor é uma flor
apenas uma flor
diria mestre Caeiro
sem códigos de interpretação
de cor formas odor

a arte democrática
do Criador
não pressupõe cursos
mestrados ou divagações
para se apreciar uma flor.

registos de um cidadão...

estado da nação

para onde vais
país
que há muito não sulcas
os versos dessa índia
que um épico desbravou

por onde andas
lusitânia
se não te encontro
entre os prédios deste restelo
que um velho edificou

que é feito do quinto império
mais o dom sebastião
camões pessoa
mumificados em lisboa
água benta inauguração
e para lá estão embronzados
da lei da morte libertados
como é sina deste fado
português

raça geneticamente apurada
por obra e graça da inquisição
pelos fornos do tarrafal
deram nisto os barões assinalados
pato bravo político empresário
advogado tabelião
jogador da bola e sem bola
ex-qualquer coisa que mete cunha
pede esmola
cronista de telejornal
com homilia dominical
desancam uns nos que são
o que eles foram outrora
que é a sorte deste país
estar sempre a razão
do outro lado
de fora
da governação

só tu camões sonhaste
ver navegadores
onde diz fernão
e vicente pois então
que iam salteadores
e com esses estou mais de acordo
para entender que a bordo
desta equívoca jangada
vá toda a gente anafada
em frente à televisão
com os programas da quinta
sexta sábado e domingo
de carrinho na mão
buscar importados da índia

chamem já dom joão segundo
o infante henriquino
zaping neste casting todo
eu quero voltar a ser épico
eu quero voltar a ser povo!

a religião das ideologias

todas diferentes
todas iguais
as bombas
têm pensamento
cor política
de libertação
algumas
de ocupação
outras
de destruição
todas

mistério da religião humana
saber distinguir
na trindade das bombas que matam
todas
as boas
as más
as assim-assim

este homem que se fez deus
não pára de se revelar ao mundo.

crónica da actualidade

“Morte aos judeus”
quem és tu
que é importante saber
quem és tu
para me conhecer
de esquerda ou direita

ao primeiro vagabundo
que encontrar
perguntarei
Eremita
que deus conheces tu
que rime com morte?

nestes dias de nevoeiro
andam loucos à solta
profetas de deus algum
em poses de guerrilheiro
em discursos de estado
ferem matam sem vencer
a morte a que estão condenados.

11 de março

explode uma bomba
cem mais mortes plo chão
que deus será este então
de tão sedenta oblação
de altares improvisados
sangue horror derramados
ferros corpos destroçados
imolados
em directos de televisão

estranhos céus
habita esse deus!

tu que és
cidadão de baixa cilindrada
que empapas na estrada
a produtividade dum país
e não produzes nada
que se veja e se apalpe
aguenta aí
que o meu tempo vale dinheiro
muito dinheiro
pára aí
este stop é para ti
eu tenho pressa
e bons advogados
para convencer o juiz
para avaliar os estragos
desse teu carro usado
abolachado
tenho pressa
ganho mais que a ti

o mal

que te deu para pintares
o mal a uma só cor?

o mal todos diziam
só uma cor tem
nunca se entendiam
na cor que o mal tem.

deus

despediram-Te dos altares
e em Teu lugar
puseram estátuas
que não falam nem vêem
nem dizem nada
nada podem dizer
dizem eles por Ti
nessas faustosas igrejas
de cultos sumptuosos
cobriram-te de ouro
e fizeram-te rico depois de morto.

vi um retrato teu
eras pequeno
insignificante
demais
sem pose presidencial
ou perfil guerrilheiro
nunca disparaste um tiro
nunca usaste uma bomba
e fizeste uma revolução
libertaste um país
criaste uma nação

dana-me a humana hipocrisia
que todos juram admirar-te
mas ninguém faz como tu.

cravo solto

veio cantando abril
e teve uma ideia bela
vieram depois os cucos
e fizeram ninho nela.

homenagem

tu
que em maio levantaste as pedras da calçada
e em abril plantaste um cravo
no cano duma espingarda
e deste vivas à revolução
e soltaste poemas amordaçados
a paz o pão saúde habitação
e fizeste juras de solidariedade eterna
numa liberdade convicta de embriaguez
e arremessaste contra o poder
a raiva calada de todos os que sofriam
e na rua o sonho corria
sem margens nem leitos traçados
os caminhos levavam ao mar
onde todos eram um só
povo unido

hoje o poder és tu
político advogado juiz gestor militar engenheiro
o mundo mudou muito
o homem não
estás mais gordo
aburguesado
a liberdade paga-te os retroactivos
do teu passado
esforçado
ultra passado
a arraianha miúda atravessa
a crise
as mesmas ruas de outrora
a travar a marcha
do teu carro apressado
de empresa
do estado
legalmente tratados
os livretes da consciência

eras tu a esperança
a revolução
que agora estrangulas
no nó da gravata
simplesmente vermelha
a condizer com as riscas
da camisa engomada

hoje o poder és tu
legitimado
nas regras que tu criaste
impuseste
fintaste
na incompreensão de todos os outros
mesquinhos
estúpidos
que gritaram falta
ao teu driblar
e não querem compreender
os pareceres bem remunerados
sustentados
nos papeis da tua consciência

aqui vai esta homenagem
singela
para meteres à lapela

não o cravo não fica bem
melhor uma treta de ninguém
que diz o mal e diz o bem
tu sabes como ninguém
a liberdade esvaziou o dizer
por isso viva a poesia
que te vai tão bem.

vem por fim a razāo
astro-rei da existēncia
de toda a recriaçāo
sujeita por ciēncia
a soberba iluminaçāo
desta carnal sapiēncia
comido o pomo fatal
brotou pronta revelaçāo
transformaçāo divinal
eis o fraco ser adāo
senhor do bem e do mal
dono da vida e da morte
do sopro da devastaçāo
opressor do mais forte
da sάbia condenaçāo
bomba libertadora
fragmentos em missāo
da verdade redentora
todos expiarāo
culpados ou nāo
universal condiçāo
nesta nova religiāo
todos se converterāo
quer vocēs queiram
quer nāo!

poema polis

não menino não são prédios
escarpas onde não subiste
troncos mortos sem remédio
tísicos esguios tristes

nuas árvores sem folhas
têm luz cómodos ninhos
que fruta a lembrar bolhas
negra relva nos caminhos

carros isto não senhor
coelhos tordos codornizes
e papoilas de mil cores
coros de grilos felizes

bora lá armar costelas
pôr a rede à passarada
vem a noite e as estrelas
logo a gente não vê nada

põe os laços aos coelhos
bichos finos os danados
mexe as pernas os joelhos
vamos correr pelos prados

sobe ao cimo do loureiro
quantos ovos nesse ninho
olho nele sorrateiro
não fujam os passarinhos

um tordo que foge além
voa e não mais o vês
essa fisga aponta-a bem
não vás falhar outra vez

que coisa pode lá ser
este campo envidraçado
animais chapa a bater
aves de alarme ligado

foge menino não viste
rondando a autoridade
Poeta louco m'íludiste
prega teu sonho à cidade!

o presente ajusta contas com o passado
sucumbem corpos nunca o fado
jamais se extingue o orgulho humilhado
há sempre contas com o passado

busco na arca do passado
o étimo do étimo ignorado
vasculho recuo no tempo apagado
encontro tenho desembrulhado
seguidos ajustes empacotados
abro novamente e vejo pasmado
um outro passado embrulhado.

sebastianismo

há quatrocentos anos que dom Sebastião
não tarda aí
com reбуçados de nevoeiro
de mentol ou peitorais
para expulsar a merda toda
que causa os nossos ais

nem mar nem obra
tudo o que nos sobra
cabe em pé num pedestal
que para nós é fado
tristemente borrado
com escritos hip-hop
que desprezam
quem tu és

talvez um dia rasgue a terra
a teimosia que te criou
de novo se ergam fortalezas
descobrimo entre as correntezas
o gene que te evocou

talvez um dia volte o poeta
com verso heróico exaltado
te tire ao sono encantado
mostre que o império prometido
está ali ao romper da madrugada
que é preciso alguém acordar
este povo tem muito para dar!

heterónimo do consumismo

hipa-lá-ô hiper das sensações
das imensas promoções
leva dois e paga um
tem desconto
uma resma de papel um detergente
boa gente que passeia seus carrinhos
fraldas fruta farinha fiambre fininho
geleia gelado gel gelatina galinha
hambúrgueres hamlets hamsters
alfabeto do nosso contentamento

upa lá hei
vinte por cento a mais
num pacote tão bonito
além secção do frio
iogurtes num quarteirão
sólidos líquidos que é verão
verão as senhas que dão
uma viagem ao Brasil
e mais um grande carrão
um sumo em experimentação
provou gostou a sua opinião
um inquérito de ocasião
que produtos usa mais
que qualidades gerais
aprecia neste naquele naqueloutro
isco dos sentidos

ui que felicidade
ali vai o nosso vizinho
adeus está bom até mais ver
que bicha que está no peixe
perdão
que grande fila nesta lota
pois então
que fresco
e o preço
nem se fala pois então
carapau sardinha perca tamboril
salmão de engorda
robalinhos democratizados
hummmm aqueles salmonetes
linguados bem suados
no preço que eles nos dão

hei heiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii
latas refrigerantes e conservas e pacotes
prateleiras simetrias horizontais
em cima em baixo alguém pôs
que artista e arte o consumismo
se de repente
altifalantes de trompetes transvestidos
soltassem em sinfonias orquestrais
ah a música os clássicos as árias triunfais
soando ao compasso as clientelas banais
apreciando quadros pinturas pedras esculturais
um van gogh num lata de vegetais
um picasso nas pilhas promocionais
um cargaleiro nas revistas nos jornais
paula rego e muito mais
nesta serralves belmirizada
para o comum dos mortais

aqui vão novos gamas
guiando suas naus
desbravando caminhos
na rota da canela da pimenta dos cominhos
em ziguezagues esforçados
e as sensações tentações
o canto das sereias
soando em todas as promoções
viva viva minha gente
consumidores unidos
tão diferentes tão iguais
cidadãos anónimos pais
esposas crianças de colo de chão
à solta presos avós intemporais
familiarizada gente bem vestida
não assumidos e assumidos gays
doutores iguais a bacharéis
empregados de escritório bancários
professores electricistas canalizadores
afortunados de final de mês
cidadãos a disfarçar a contenção
indistintas colaboradoras de bares de alterne
gente ostensivamente importante
pedófilos elegantes
consumisticamente iguais
produtos universais
united colors of globalização
que fez mais do que ninguém
pela universalização dos hábitos humanos
na américa no chile no japão
e nós também pois então
aqui somos um povo mundial
na sem identidade nacional
sob a bandeira franca de uma multinacional

ali além
jovens sorrindo
missionando
a causa é de todos
para todos
consumi e ser-vos-á perdoado
o defeito a diferença a exclusão
a infelicidade que é não ter
não ser parte deste mundo em ebulição
não ser actual
não ser ninguém

parti parti
reconfortados
atestados
desta índia
de cultura de lazer de satisfação
as necessidades mensais
não penseis mais
estareis mais disponíveis
produtivos
que todos os vossos dias
sejam festivos
ide alegres contentes
até vos ter aqui de novo
meu povo
minha amada gente.

na rua da liberdade
as janelas têm grades
as portas têm correntes
alarmes que dão nas vistas
polícias que fazem giros
sirenes a rasgar
a calma que nunca estreou
há gente pedindo esmola
às portas dessas gaiolas
condomínios bem guardados
carros pobres carros ricos
lojas onde se vendem brincos
lojas onde se pede fiado
lado a lado nesta rua
que parece não ter fim.

na rua da liberdade
houve hoje uma festança
entrou velho e criança
rico e pobre à mistura
político deitou faladura
honrou quem na ditadura
lutou pela liberdade
tão linda a liberdade
que deu nome a esta rua.

na rua da liberdade
cai a noite fecha a rua
sai o sol entra a lua
já ninguém desce à rua
os cafés fecham cedo
a noite mete medo
medo era antigamente
medo trepa pela gente
outrora tinha nome
corpo farda figura
tinha o selo da ditadura
hoje o medo é tão diferente
vá lá saber a gente
porque nesta linda rua
da tão bela liberdade
todos fogem de ir à rua
fazer jus à liberdade

testemunho

não vivi não senti
os horrores dos tarrafais
as torturas da pide
as guerras coloniais
outros mostraram em sangue
sentido dorido
verso curto demais
da denúncia torturada
amordaçada a voz
que se abriu e gritou
fascismo nunca mais

porém eu vejo eu sei
a morte banalizada
por tudo e por nada
nas estradas
nas nossas ruas ao anoitecer
nas vinganças ajustadas
nas ameaças veladas
nos assaltos roubos
nas esquadras
nas gentes fardadas
nas inocências violadas

porém eu dou testemunho
da mísera gente comandando
a sua vida a dos outros
nesta nau que mete água
neste nau que causa mágoa
extremadas as diferenças
do cada vez mais pobre
ao cada vez mais rico
o político bem aburguesado
pregando aos outros a igualdade
e o político obediente
aos seus princípios
catolicamente
corrupto

justiça trazias tu
humanizada conciliadora
agora eu vejo que tardas
que não despontas
aburguesada
atrapalhada
em secretárias e rituais
em papeis e bornais
mostras-te aos que ricamente te convidam
aos pobres jamais

bárbara democracia
disso dou testemunho
porque vejo ouço leio
não posso ignorar
a morte a vilania
a corrupção a mediocridade
promovidas idolatradas

quisera a liberdade em verso
rimando com todas as quimeras
utopias de primaveras
que nunca despontaram

banham com sangue e desonra
o teu regaço
estendes-me os teus braços
mas ai não
não te possa beijar não
ó liberdade.

O autor

Manuel Filipe nasceu em Fátima em Março de 1963. Lá frequentou a escola primária e viveu a sua infância, na memória de uma terra então aldeia, abalada na sua calma pelas massas de promessas cumpridas em esforços de corpos voluntários. Os seus estudos fizeram-no peregrinar por paragens diversas, desde Arouca, onde passou Abril, e Mogofores, em casas dos salesianos, voltando depois a Fátima, Leiria e terminando em Coimbra o curso de Português – Francês. Desde então que lecciona no ensino público e lançou raízes por Torres Novas. As palavras reparte-as regularmente em artigos de opinião e crónicas políticas e sociais.

Uma árvore, um filho... ou melhor filhas... Faltava um livro. Que também nisto é preciso esperar pela estação e mostrar os frutos que a vida dá.

a obra

Da cómoda o poeta sacou o desejo adiado de versejar. Aproveitou o cidadão e sacou da sua crítica incómoda, que não pode a democracia superiorizada apagar a vocação da poesia. Há, então, uma primeira parte marcada pela busca alquímica do verso reluzente e genuíno de valor. Depois vem o exercício de cidadania, um ou outro poema longo, e os curtos a assumirem, por vezes, vocação de scriptoon, pregos no conforto de uma certa hipocrisia dos dias superiores.

sinopses